Jennifer Egan

O Circo Invisível

Tradução de Jorge Pereirinha Pires

QUETZAL serpente emplumada | Jennifer Egan

Para minha mãe, Kay Kimpton,
e meu irmão, Graham Kimpton

«… para a presente era, que prefere o retrato à coisa retratada, a cópia ao original, a imaginação à realidade ou a aparência à essência… somente a *ilusão* é sagrada para esta idade, mas *a verdade profana*… pelo que *o grau mais elevado de ilusão* é para ela o grau mais elevado de sacralidade».

LUDWIG FEUERBACH

«Exultação é a ida
De uma alma terrestre para o mar,
Além das casas – além dos promontórios –
Rumo ao fundo da Eternidade…»

EMILY DICKINSON

PARTE UM

UM

HAVIA CHEGADO TARDE ÀQUILO, percebeu Phoebe pelo silêncio. Atravessando o parque viçoso, enevoado, não ouvia mais do que os pingos da condensação que escorriam dos fetos e das folhas das palmeiras. Quando chegou ao relvado, a ampla desolação deste não a surpreendeu.

A relva era de um verde brilhante, áspero. Estava juncada de detritos, palhas, cigarros esmagados, algumas mantas ensopadas, abandonadas na lama.

Phoebe enfiou as mãos nos bolsos e atravessou a relva, evitando pisar as manchas de lama a descoberto. O relvado estava rodeado por uma orla de árvores, árvores costeiras, vergadas pelo vento e deformadas embora ainda simétricas, como umas figuras que se esforçassem por equilibrar pesadas bandejas.

Ao fundo do relvado diversas pessoas com casacões do exército estavam a desmontar um palco. Transportavam as partes deste por entre as árvores até uma estrada, onde Phoebe avistou a forma escura de um camião.

Aproximou-se de um homem e de uma mulher com longas meadas de cabos elétricos alaranjados suspensos nos braços. Phoebe aguardou educadamente que os dois acabassem de conversar, mas eles pareceram nem reparar nela. Timidamente, virou-se para um outro homem que carregava uma prancha de través.

– Desculpe-me – disse ela. – Já acabou?

– Pois já – disse ele. – Foi ontem. Do meio-dia até à meia-noite. – Pestanejou para ela como se o sol estivesse à mostra. Pareceu-lhe vagamente familiar, e Phoebe pôs-se a pensar se ele teria conhecido a irmã. Punha-se sempre a pensar isso.

– Eu julguei que fosse hoje – disse ela inutilmente.

– Pois, uma boa metade dos cartazes ficou mal impressa. – Ele arreganhou os dentes num sorriso, os olhos de um azul brilhante, químico, como um granizado.

Era dia 18 de junho, um sábado. Dez anos antes, em 1968, alegadamente acontecera neste mesmo prado um «Festival das Luas». «Reviver as Luas», prometiam os cartazes, e Phoebe trocara os seus turnos no emprego e viera cheia de ardor, ansiosa por reviver aquilo que não conseguira viver uma vez sequer.

– Então, como foi? – perguntou ela.

– Pouca assistência. – Ele riu-se sardonicamente.

– Ainda bem que não fui só eu – disse ela.

O fulano pousou a prancha e passou uma mão pelos olhos. O cabelo louro, liso e escorrido, caía-lhe até aos ombros.

– Ora esta – disse ele –, tu és mesmo parecida com uma rapariga que eu conheci.

Sobressaltada, Phoebe mirou-o. Ele pusera-se a pestanejar outra vez.

– Pois, és tal e qual ela.

Ela fitou o rosto dele.

– Erva-das-gatas – disse ela, surpreendendo-se a si mesma.

Ele deu um pequeno passo em frente.

– Tu eras amigo da Faith O'Connor, não eras? – disse Phoebe, já excitada. – Bom, eu sou a irmã dela.

O Erva-das-gatas olhou para longe e depois tornou a encarar Phoebe. Abanou a cabeça. Ela agora já se lembrava dele, embora antigamente lhe parecesse muito maior. E bonito – aquela beleza intensa e frágil que por vezes se via nos fulanos do liceu, mas nunca nos homens. As raparigas não conseguiam resistir-lhe, daí o nome que lhe haviam dado.

Continuava a olhar para Phoebe.

– Eu nem acredito nisto – disse ele.

Enquanto o Erva-das-gatas se foi libertar da equipa de trabalho, Phoebe esforçou-se por recuperar o fôlego. Durante anos ela havia imaginado isto, um amigo de Faith reconhecendo-a agora, já crescida – tanto se parecia ela com a irmã.

Ela e o Erva-das-gatas atravessaram juntos o relvado. Phoebe sentia-se nervosa. Havia louras cintilações de barba na cara dele.

– Então tu, agora já andas no liceu? – perguntou ele.

– Já acabei o liceu – disse Phoebe. – A bem dizer, foi na semana passada. – Ela nem fora à cerimónia.

– Bom, eu sou o Kyle. Há anos que ninguém me trata por Erva-das-gatas – disse ele, melancolicamente.

– Que idade tens?

– Vinte e seis. E tu?

– Dezoito.

– Dezoito – disse ele, e riu-se. – Merda, quanto eu tinha dezoito anos, os vinte e seis pareciam ser uma coisa geriátrica.

Kyle concluíra recentemente o seu segundo ano na Faculdade de Direito.

– Na segunda-feira começo no meu emprego de verão – disse ele, e com dois dedos imitou umas tesouras cortando-lhe o cabelo.

– A sério? Eles obrigam-te a cortá-lo? – Aquilo era como na tropa.

– Nem precisam – disse ele. – Já chega lá cortado.

Os sons do trânsito aumentaram de intensidade quando eles se aproximaram do extremo do Parque Golden Gate. Phoebe sentiu-se como uma criança deixada a sós com um dos amigos de Faith, tendo a inquietante tarefa de ocupar o interesse dele.

– Alguma vez pensas naqueles tempos? – perguntou-lhe ela. – Sabes como é, com a minha irmã?

Houve uma pausa.

– Claro – disse Kyle. – Claro que penso.

– Eu também.

– Ela é incrivelmente real para mim. A Faith – disse ele.

– Eu penso nela constantemente – disse Phoebe.

Kyle concordou com um gesto de cabeça.

– Ela era tua irmã.

Quando chegaram à Haight Street, o nevoeiro começava a dissipar-se, expondo nesgas azuis do céu. Phoebe pensou em mencionar que trabalhava somente a dois quarteirões de distância – estaria lá agora se não fosse o Reviver das Luas – mas isso pareceu-lhe ser inconsequente.

– Eu moro aqui perto – disse Kyle. – Queres tomar um café?

O apartamento dele, na Cole Street, foi um desapontamento. Phoebe esperara ir entrar num túnel do tempo, mas um esguio sofá cor de carvão e uma comprida mesa de café em vidro dominavam a sala de estar. Nas paredes, litografias abstratas pareciam levitar dentro de molduras em acrílico. Todavia, pendia um prisma de uma janela, e almofadões em cores desbotadas juncavam o chão. Phoebe notou um cheiro a cravinho ou a pimenta, um qualquer odor familiar de anos já idos.

Sentou-se no chão, longe do sofá cor de carvão. Quando Kyle despiu o seu casacão do exército, Phoebe reparou através da camisola que ele era muito musculado. Ele tirou um charro de uma cigarreira em acrílico que estava em cima da mesa de café e acendeu-o, baixando-se depois para se sentar no chão.

– Sabes – grasnou ele, contendo o fumo enquanto passava o charro a Phoebe –, já pensei imensas vezes em dar um salto à casa onde moras com a tua mãe. Para ver como vocês vão andando.

– Devias ter feito isso – disse Phoebe. Estava de olhos postos no charro, preocupada em saber se haveria de fumar ou não. Ficar de cabeça cheia deixava-a profundamente ansiosa, já por mais de uma vez a paralisara num confrangente temor de que estaria prestes a cair morta. Mas pensou na irmã, na avidez com que Faith procurara alcançar tudo – no modo como Kyle esperaria isso de Phoebe. Deu uma passa modesta. Kyle estava vergado sobre a sua aparelhagem estereofónica, empilhando discos sobre um gira-discos. Começou a ouvir-se o «Surrealistic Pillow», a voz rica, fantasmal, de Grace Slick.

– Ela voltou a casar-se, ou coisa do género, a tua mãe? – perguntou ele, regressando ao seu assento.

– Oh, não – disse Phoebe, meio a rir-se. – Não.

Enquanto Kyle a observava por entre o fumo, ela compenetrou-se.

– Julgo que essa fase da vida dela está mais ou menos terminada – explicou ela.

Ele abanou a cabeça.

– Que pena.

– Não, ela não se importa – disse Phoebe, pensando, enquanto ia falando, se saberia isso ao certo. – Ela a modos que já está para além da idade do romance.

Kyle franziu a testa, chupando o charro.

– Que idade poderá ela ter?

– Por acaso o aniversário dela é no próximo fim de semana. Quarenta e sete.

Ele desatou a rir-se, cuspindo fumo e depois tossindo com abandono.

– Quarenta e sete – disse ele, recompondo-se. – Isso não é ser-se velho, Phoebe.

Ela ficou a olhá-lo, atordoada pelo seu riso.

– Eu não disse que ela era velha – respondeu. A erva estava a confundi-la.

Os olhos de Kyle demoraram-se em Phoebe. O fumo pairava no ar em volutas, dissolvendo-se lentamente como natas em café.

– Então e tu? – disse ele. – Como tens passado?

– Bem, obrigada – disse ela cautelosamente.

Quando terminaram o charro, a sala parecia pulsar diretamente contra os globos oculares de Phoebe. O coração dela ressoava. Os almofadões exalaram um cheiro a canela quando ela se recostou para trás.

Kyle esticou-se ao comprido, cabeça aninhada entre as mãos, pernas cruzadas nos tornozelos.

– Eu quero falar disso – disse ele, de olhos fechados –, mas não sei como.

– Também eu – disse Phoebe. – Nunca sei.

Kyle abriu um olho.

– Nem sequer com a tua mãe? Com o teu irmão?

– Não sei porquê – disse Phoebe. – Costumávamos fazê-lo.

Começou a soar a «Plastic Fantastic Lover», sinuosa e drogada. Invadindo o espírito de Phoebe com fluorescentes borrões de cor. Ouviram o tema em silêncio.

– Portanto… vocês alguma vez descobriram o que aconteceu? – disse Kyle por fim.

– Como morreu ela, queres tu dizer?

– Pois. Como aconteceu aquilo exatamente.

Como sempre acontecia quando o tema passava a ser Faith, uma certa pressão no interior de Phoebe relaxou. Ela inspirou, longa e pacificamente.

– Bom, toda a gente diz que ela se atirou.

Kyle suspirou.

– Em Itália, não foi?

Phoebe disse que sim com a cabeça. Após uma pausa, perguntou-lhe:

– Acreditas nisso?

– Não sei – disse Kyle. – Quero dizer, por aquilo que ouvi – tu saberás melhor que eu – teria sido muito difícil cair ali por acidente.

– Só que ninguém viu.

Kyle soergueu-se apoiando-se nos cotovelos e olhou para Phoebe. Ela olhou-o também, com a cabeça muito cheia, tentando determinar o que mudara exatamente em Kyle desde os velhos tempos.

– Mas, quero dizer, porquê? Tu sabes? Porquê?

Ele parecia muito sincero, como se fosse a primeira pessoa que alguma vez colocara a questão precisamente dessa maneira. Aquilo fez Phoebe rir-se, suavemente ao princípio, depois convulsivamente, com as lágrimas escorrendo-lhe dos olhos.

– Desculpa – disse ela, enxugando-as com a manga. Tinha o nariz a pingar. – Desculpa.

Kyle tocou-lhe no braço.

– Estava só a imaginar que história seria – disse ele.

– Pois – disse Phoebe, fungando. – Também eu. – O riso aliviara-a, tal como o choro o fazia.

– Tu achas que foi um acidente – disse Kyle.

– Não sei ao certo.

Ele fez com a cabeça um gesto de assentimento. O assunto estava encerrado, de certo modo. Phoebe sentiu que perdera uma oportunidade. A culpa era sua, pensou ela, por se ter rido.

Derivaram para o silêncio. O polegar e o dedo médio de Phoebe haviam ficado pegajosos com a resina. Kyle tornou a acender a beata, e quando lha estendeu, Phoebe fumou sem hesitação. Finalmente Kyle deixou a ponta da beata cair para o chão e sentou-se de pernas cruzadas, os dedos de uma mão comprimidos na outra.

– Tu és mesmo parecida com ela – disse ele. – Suponho que ouças isso imensas vezes.

– Não ouço – disse Phoebe, confusa quanto ao motivo. – É porque – e ela riu-se, ao compreender – bom, quero dizer, nunca ninguém nos vê juntas.

Kyle deu uma palmada na testa, claramente mortificado.

– Mas eu gostava – disse Phoebe. – Que me dissessem isso.

Ele deixou-a ali, atravessando a sala até à janela. Phoebe espreguiçou-se, esticando-se para o teto com as suas calças à pintor e as suas botas do deserto de maneira a que os músculos lhe puxassem as costelas. Estava de cabeça muito cheia, mas hoje isso não parecia fazer mal. Sentiu até uma espécie de tola confiança quando se deitou de lado, vendo Kyle espreitar através do prisma. Um fio de náilon prendia-o à janela. Ele pô-lo a girar, espalhando manchas de luz irisada. Começou a ouvir-se a canção dos King Crimson, «Moonchild».

– Tive agora uma sensação esquisita – disse Kyle.

– O quê?

– Pensei que se tu me dissesses agora mesmo que eras a Faith, eu acreditava em ti.

Phoebe virou a cara para o outro lado para ocultar o seu prazer. Por vezes ainda vestia as roupas de Faith, jeans desfiados e blusas rendadas das feiras de ocasião, um amarrotado blusão de

veludo com uns botões em forma de estrela. Nada lhe assentava bem. A irmã fora mais magra, ou mais alta, o cabelo preto dela era mais comprido – qualquer coisa. Por mais que Phoebe tentasse superar a distância entre si e Faith, permanecia sempre uma diferença qualquer. Mas um dia essa diferença haveria de desaparecer, acreditava ela, como parte de uma transformação mais ampla que Phoebe aguardava constantemente. Ela julgara que isso ocorreria aquando da formatura.

– Dentro de pouco tempo parto para a Europa – mentiu ela, tomada por um desejo de impressionar e deslumbrar Kyle. – Uma viagem demorada.

– Ah sim? – disse ele da janela. – Para onde?

– Não sei ao certo. Pensei só em ir, sabes como é? Para ser a modos que espontânea. – Havia uma certa verdade nisso; Phoebe tencionava efetivamente ir um dia à Europa, seguindo as pegadas da irmã. Sempre o soubera. Mas inscrevera-se em Berkeley no semestre outonal, escolhera cinco cursos e até espaço no dormitório.

– Eu sou a favor da espontaneidade – disse Kyle, num tom de inveja.

O pai deles também o fora. No seu testamento tentara garantir isso, deixando a Faith, a Phoebe e a Barry cinco mil dólares a cada um depois do liceu, para explorarem o mundo. «Façam isso primeiro», dissera-lhes ele, «antes que fiquem amarrados. Façam coisas acerca das quais contem histórias durante o resto das vossas vidas.»

– Em ir simplesmente, sabes como é? – disse Phoebe, perdendo-se na mentira. – Simplesmente levantar voo.

Kyle mudou-se para o sítio onde ela estava deitada, com os pés descalços colando-se ao chão encerado. Um joelho estalou quando ele se acomodou nos almofadões ao lado dela. Phoebe fechou os olhos.

– És tão bonita – disse ele, tocando-lhe o rosto. Phoebe abriu os olhos e fechou-os rapidamente. Sentia-se tonta, como se a sala, tal como o prisma de Kyle, estivesse a girar num fio de náilon. Ele debruçou-se, beijando-lhe a boca. Phoebe beijou-o também, uma

parte cega de si mesma correndo para diante. Ainda era virgem. A boca de Kyle tinha um gosto doce, a molho de maçã.

Ele compôs os almofadões e estendeu-se ao lado dela. Quando tocou nos peitos de Phoebe por cima da camisola, ela sentiu-lhe a confiança, e isso ajudou-a a descontrair-se. Kyle tomou a cabeça dela nas mãos, apoiou as palmas frescas nas suas têmporas, e Phoebe ouviu por detrás dos ouvidos tapados um rumor, um ruído de concha marinha. Kyle pôs-se em cima dela. Ela agarrou-se aos músculos ao longo da espinha dele, o calor do corpo dele coando-se através das roupas de Phoebe para a pele dela. A retesada força da barriga dele movia-se suavemente enquanto ele respirava; a ereção dele comprimia-se contra a perna dela. Ela abriu os olhos para o fitar. Mas os próprios olhos de Kyle estavam cerrados, como se estivesse a pedir um desejo.

– Espera. Espera… – disse Phoebe, contorcendo-se para sair de baixo dele.

Kyle resistiu a isso de início, depois pôs-se de pé num pulo como se um estranho tivesse entrado na sala. Phoebe ouviu-lhe a respiração ofegante. Sentou-se enrolada como um ovo, queixo apoiado nos joelhos. Kyle mudou-se para o sofá e encolheu-se numa ponta deste.

– Merda – disse ele.

Mas Phoebe já lhe perdera o rasto. Havia algo de que ela precisava de lembrar-se. Fechou os olhos, testa encostada aos joelhos, e viu Faith e os amigos dela engolirem uns quadradinhos de papel e algum tempo depois começarem a rir-se, um riso doido, de ir às lágrimas, que em Faith depressa passava a uns desamparados soluços nos braços do namorado dela – o «Lobo», era como que lhe chamavam devido à sua pele morena e aos seus dentes brancos, as mãos morenas na cabeça da irmã dela, «Chhhiu», afagando-lhe o cabelo como se Faith fosse um gato, «Chhhiu». Em tronco nu sob um colete de couro macio, os músculos morenos da barriga dele lembrando a Phoebe as formas da carapaça de uma tartaruga. E a seguir Faith estava a beijá-lo, Phoebe a olhar, inquieta. «Vem», disse Faith, e tentou pôr-se em pé, mas não conseguiu;

estava maldisposta, os olhos febris. «Vem». Beijos, beijos, mas o Lobo vira Phoebe agachada a seu lado, e os olhares deles haviam-se cruzado.

«Faith, espera», dissera ele. «Aguenta aí, amor.»

Mas por fim ajudara-a a pôr-se em pé, com Phoebe perseguindo-os sorrateiramente até ao corredor, onde eles cambalearam até lá ao fundo, a porta branca do quarto da mãe fechando-se de rompante atrás deles. Seguidamente silêncio. Phoebe esperou no corredor que a porta se abrisse de novo, ficando mais assustada à medida que os minutos iam passando – a irmã dela estava doente, quase nem conseguia andar! Desde que o pai deles adoecera aquela porta estava sempre fechada, havia adocicados cheiros a remédios na passagem. Phoebe atirou-se para cima do tapete e ali ficou deitada numa espécie de transe, com a porta branca abrindo um buraco na sua cabeça até que finalmente, após o que pareceram ser horas, ela correra até à porta soluçando, a tinta fresca e lisa encostada à sua bochecha, mas apesar disso não girara o puxador. Tinha demasiado medo.

Seguidamente sons de passos. Phoebe saltara para trás quando Faith abrira a porta, os olhos da irmã amplos e negros, gotas de água coladas às pestanas. Estreitando Phoebe num abraço, «Bebé», abanando-a gentilmente, «Bebé, bebé, o que foi que te aconteceu?» Cheirando a sabonete – teria estado ela apenas a tomar um duche? E o Lobo, o herói, olhando para Phoebe com tanta dor no rosto como se a tivesse magoado. Não, queria Phoebe dizer, não, não, mas como podia ela falar quando não compreendia nada, quando toda a gente era misteriosa?

Phoebe olhou agora para Kyle, a quilómetros de distância em cima do sofá. Era sempre assim – algo de que ela tinha de lembrar-se, puxando-a para trás, como uma corrente submarina. Uma porta branca isolando-a do lado de fora, recordando a Phoebe que a sua presente vida era irreal e desprovida de significado. Aquilo que importava estava escondido da vista. Em certas alturas, detestava lembrar-se, não queria nada no mundo a não ser correr

para diante, rumo a algo que fosse seu, e aí se perder. Mas isso não era possível. O único caminho para diante era através daquela porta.

– Sentes a falta dela? – disse Phoebe para o silêncio.

Kyle soltou um gemido do sofá e borrifou água nas folhas de várias delgadas plantas de marijuana, debruçadas em direção a uma lâmpada ultravioleta. Uns fios delicados prendiam-nas a estacas.

– Às vezes sinto que ela ainda está por lá – disse ele. – Naquele tempo. Faz-me uma falta terrível.

– A mim também – disse Phoebe, com uma dor no peito. – Mesmo que eu não tenha realmente estado lá.

– Claro que estiveste.

– Não. Eu era uma miúda.

Houve um longo silêncio.

– Eu também não estive lá – disse Kyle. – Não totalmente.

– O que queres tu dizer?

– Andei sempre à volta, à volta, mas sem nunca acertar propriamente.

Essa confissão deixou Phoebe pouco à vontade.

– Tu estavas lá, Kyle – garantiu ela. – Estavas lá de certeza.

Ele sorriu, mostrando-se animado. Aspergiu o seu borrifador para o ar, grânulos de vapor captando a luz enquanto caíam. Phoebe ouviu o canhão, disparado todos os dias às cinco horas na base militar de Presidio.

– É melhor ir-me embora – disse ela, pondo-se tremulamente em pé. Uma das suas pernas estava dormente. Era 1978. O namorado de Faith, o Lobo, vivia agora na Europa. A mãe de Phoebe não tinha notícias dele há anos.

Kyle aguardou, de mãos nos bolsos.

– Eu telefono-te.

– Está bem – disse Phoebe, sabendo que ele não o faria.

Desceu cuidadosamente os degraus de macadame até à rua, agarrada ao corrimão. A luz do sol cintilava nas árvores. Ouviu-se o som de um elétrico ao longe, silêncio em redor dele.

– Olha – ouviu ela por cima de si. Kyle estava debruçado do lado de fora da janela. – Esqueci-me, queria dar-te uma coisa para o caso de ires até Munique. Tenho um primo por lá.

Phoebe pôs uma mão em pala sobre os olhos. Já se esquecera da história da Europa, e agora sobressaltara-se ao ouvi-la ser repetida como um facto.

– Volta aqui – disse Kyle.

Phoebe retrocedeu no seu caminho. Kyle entregou-lhe um charro enrolado numa mortalha cor-de-rosa fluorescente. Pareceu-lhe seco e leve na mão.

– Diz-lhe que é do mesmo que fumámos no Natal – disse ele, copiando de um caderno de endereços para o verso de um recibo. «Steven + Ingrid Lake», leu Phoebe, com uma morada. O número de telefone parecia ter algarismos a menos. Ela enrolou cuidadosamente o charro dentro do endereço e enfiou-o na carteira.

– Diz ao Steve para se manter longe dos formigueiros – disse Kyle, rindo-se à entrada da porta. – Ele há de compreender.

Ao descer as escadas pela segunda vez, Phoebe sentiu uma curiosa excitação. Tanto quanto Kyle sabia, ela ia para a Europa – na próxima semana, amanhã – e tal pensamento fascinou Phoebe, entusiasmou-a com uma sensação de que tudo poderia acontecer.

Quando chegou à rua, olhou para cima. Kyle estava a olhar para ela a partir da janela outra vez, mexendo absortamente no prisma.

– Quando é que partes? – disse ele.

– Dentro em pouco – disse ela, quase a rir-se. – Na próxima semana, talvez. – Virou-lhe costas para se ir embora.

– Envia-me um postal – disse ele.

Phoebe deu por si sorrindo para as altaneiras casas vitorianas. A Europa, pensou ela. Pássaros, pedra branca, longas pontes escuras. Ir a todos os sítios onde Faith fora – exatamente todos, um a um. Os postais da irmã continuavam empilhados dentro de uma caixa de sapatos por baixo da cama. Phoebe lembrava-se de os aguardar febrilmente, desde o dia em que a irmã e o Lobo haviam partido, num dia de verão não muito diferente deste. Tinham ido

até ao aeroporto na carrinha do Lobo, com uma rapariga que já lha havia comprado. Phoebe permanecera no passeio muito tempo após eles se terem ido embora, pensando no que lhes aconteceria. Ficara a pensar nisso desde então.

A irmã morrera a 21 de novembro de 1970, nos rochedos abaixo de Corniglia, uma pequena povoação na costa ocidental do Norte de Itália. Tinha dezassete anos; Phoebe tinha dez. Foram encontrados vestígios de drogas no corpo de Faith, anfetamina, LSD, mas não o suficiente para que ela estivesse sob os seus efeitos naquela altura. Se ela não tivesse partido o pescoço, disseram, poderia ter sobrevivido.

Se Phoebe conseguisse reunir todas as horas que passara a matutar nesse acontecimento, seguramente que elas somariam anos. Perdia-se nessas contemplações, a sua própria vida soltando-se-lhe como uma casca enquanto ela se afundava no rico poço sem fundo da ausência da irmã. E quanto mais Phoebe andava à volta daquilo, mais certa ela ficava de que estava em curso um grande mal-entendido; de que, se Faith pusera termo à vida, o fizera sem qualquer alusão ao fracasso ou ao desespero que o termo «suicídio» implicava. Quando Phoebe pensava na morte da irmã, era sempre com um curioso cântico no coração, como se Faith tivesse sido elevada para um qualquer domínio mais espetacular, um local tão remoto que ela só conseguira alcançá-lo abdicando da sua vida. Como se afastasse um escadote a pontapé. Onde estava o fracasso nisso?

A mãe de Phoebe, Gail, fora de avião até Itália e regressara com as cinzas de Faith numa caixa. Ela e Phoebe e Barry tinham-nas lançado do alto das falésias junto à Ponte Golden Gate, num local onde a família deles costumava fazer piqueniques. Phoebe lembrava-se de contemplar incredulamente aqueles pedaços arenosos, desiguais, como uns restos que tivessem ficado numa lareira. As suas mãos estavam suadas, e, quando ela lançara punhados daquilo ao vento, o pó mais fino apegara-se-lhe aos vincos das palmas das mãos. Por mais que Phoebe as abanasse, o pó mantinha-se lá. Depois disso fechara-se no quarto e ficara durante muito

tempo olhando para as mãos abertas. A casa estava sossegada. Phoebe esticara a língua e passara levemente a ponta desta pelas suas mãos espalmadas. O gosto era acre, salgado. Horrorizada, Phoebe correra para a casa de banho e lavara as mãos e a boca no lavatório, olhando para a retrete e querendo ter vontade de se sentir enjoada. Mais tarde pensara se o que provara naquele dia fora o seu próprio suor.

Uma porta branca ao fundo do corredor. «Vem», dissera Faith, estendendo a mão para o Lobo. Haviam-na fechado atrás deles.

Phoebe andando de um lado para o outro por ali fora, enfiando profundamente os dedos dos pés no tapete macio. Cheia de medo – do quê? De que a irmã se tivesse ido embora. De que a porta nunca mais se abrisse. De que, quando finalmente se abrisse, ela se encontrasse sozinha numa sala brilhante e vazia.